

## JOANA PATRÃO

### Fósseis Vivos

*The only thing that is different from one time to another is what is seen and what is seen depends upon how everybody is doing everything.*<sup>1</sup>

A prática artística de Joana Patrão tem-se orientado para uma reflexão sobre a natureza. Interessa-lhe o modo como as transformações ecológicas ocorrem em ciclos de renovação e resiliência que sustentam a continuidade da vida. O seu entendimento do mundo natural opera a partir da escala temporal da geologia, o chamado “tempo profundo”, e na sua obra é possível intuir a natureza como testemunha ciente de uma história humana cuja brevidade contrasta com a vastidão da sua própria duração.

Joana Patrão investigou territórios selvagens, paisagens protegidas e lugares de carácter vernacular, como a aldeia de Sabugueiro na Serra da Estrela, as praias de Esposende ou a floresta do Bussaco. As propostas resultantes da exploração destes locais, têm em comum a tecedura de narrativas que revelam as relações entre as ações humanas e a formação da paisagem. Trata-se, portanto, de uma prática situada que, ao procurar a especificidade de cada lugar no horizonte da História Natural, se converte em comentário social e político.

No jardim interior da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) e no espaço ainda em transformação da Galeria Dínamo, a artista encontrou várias espécies de fetos. Esta planta instiga as suas pesquisas desde Equinócio (Rampa, Porto, 2025), instalação resultante da residência na Mata Nacional do Bussaco, onde observou fetos fossilizados e descobriu a sua longa história.

Pertencentes a uma das linhagens mais antigas da flora terrestre, as *Pteridophyta*, os fetos remontam ao período Devónico, há cerca de 400 milhões de anos. Sobreviventes de eras geológicas sucessivas e de várias extinções em massa, são, por isso, designados fósseis vivos.

Durante o período Carbonífero proliferaram em pântanos, e a sua biomassa, acumulada no solo alagado e sem oxigénio, transformou-se em carvão. As propriedades combustíveis desta rocha tornaram-na crucial durante a Revolução Industrial, intensificando-se a exploração de jazidas e a descoberta de fósseis. Achados que despertaram não somente o interesse dos paleobotânicos, mas também da população em geral.

A delicadeza desses baixos relevos naturais encantou a burguesia vitoriana. Os fetos são particularmente comuns nas florestas britânicas. No século XIX, tornou-se hábito colher espécies nativas como passatempo, cultivá-las em vasos e estufas ou secá-las entre as páginas dos livros. Foram reproduzidos em múltiplos suportes: bordados em vestidos, pintados em serviços de cerâmica e representados em naturezas mortas. O entusiasmo, conhecido como Pteridomania, estendeu-se à comunidade anglo-saxónica internacional, chegando também ao Porto oitocentista, marcado pela presença de famílias inglesas.

Foi a partir desse cruzamento entre temporalidades geológicas, científicas e culturais que Joana Patrão desenvolveu a obra **Fósseis Vivos**. Num dos vidros que separam o interior da escola do jardim, dispôs impressões em acetato de imagens de fetos fossilizados e de fragmentos de plantas vivas, desenhando uma

moldura translúcida que enquadra os fetos arbóreos que crescem do lado de fora. Sobre outro vidro, inscreveu frases retiradas de textos literários e científicos que acompanharam o processo de criação da obra e que detalham ao visitante o curioso episódio da “mania dos fetos”.

**Fósseis Vivos** introduz uma perturbação no traçado arquitetónico da ESAP ao propor uma experiência de percepção espacial em três planos sucessivos: o espaço interior da escola; a superfície de vidro — material onnipresente no edifício, geralmente invisível, mas que aqui adquire agência — e, finalmente, a vegetação no exterior. À sobreposição destes planos corresponde a coexistência simbólica de diferentes tempos: o tempo presente, na posição do observador; o passado oitocentista, narrado no vidro; e o tempo geológico, representado pelos fetos arbóreos. Aos diferentes tempos correspondem, por sua vez, perspectivas distintas sobre um mesmo sujeito: a natureza.

Ao contemplar a instalação é difícil não evocar a introdução de *Composition as Explanation*, ensaio escrito por Gertrude Stein, em 1926. Uma reflexão sobre o modernismo, numa altura em que o movimento se desdobrava em múltiplas propostas estéticas, muitas vezes em franca oposição entre si. No ensaio, a autora afirma que tudo — a experiência vivida, entenda-se — permanece essencialmente igual e que cada geração se distingue apenas pela forma como observa o mundo. A diferença não está nas coisas, mas na “composição”: na relação entre o tempo em que algo é feito e o tempo que esse fazer produz.

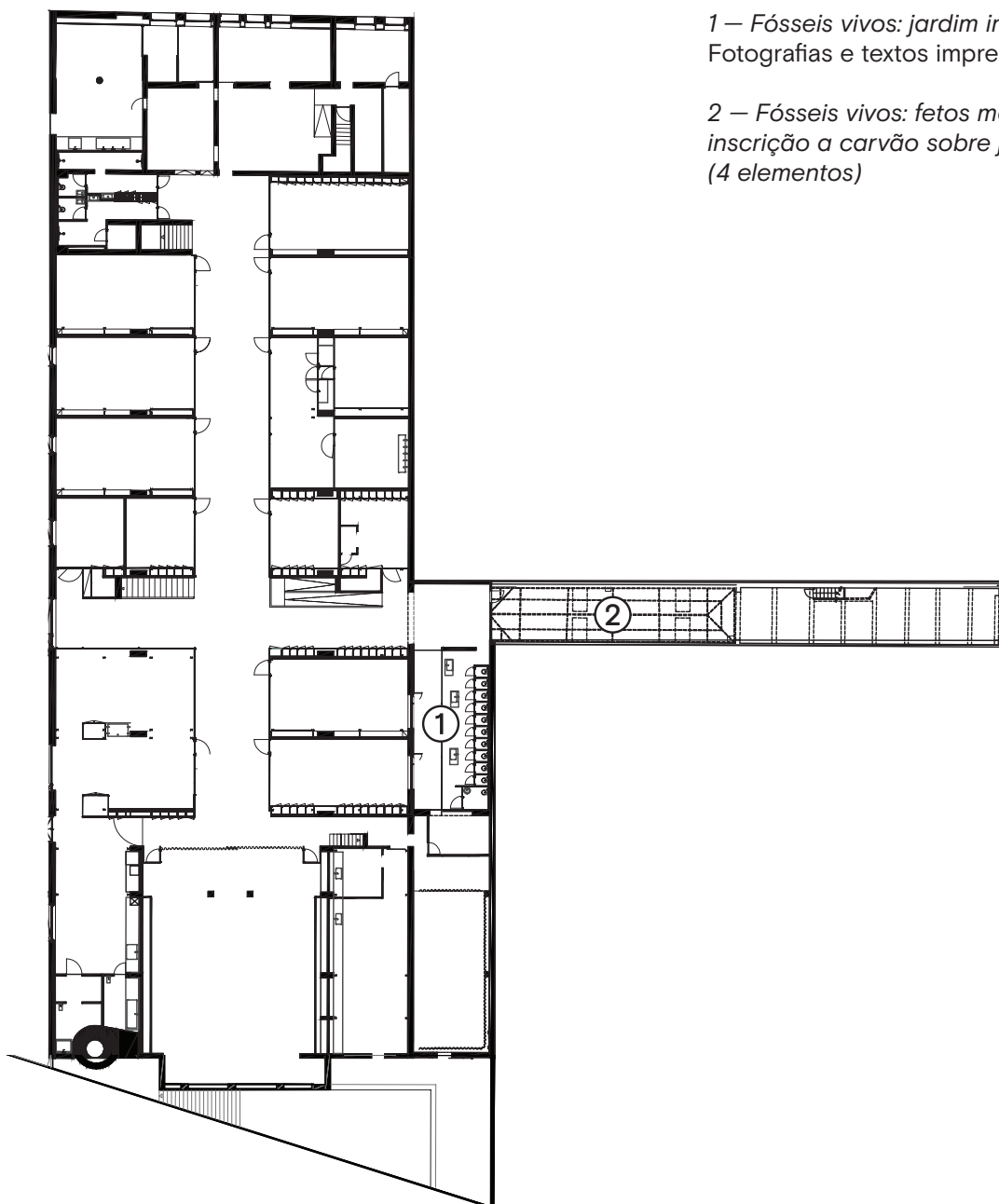
A articulação de tempos e modos de pensamento que **Fósseis Vivos** propõe ecoa essa mesma ideia. Também aqui, o que se transforma não é o mundo natural, mas a maneira como o percebemos e o traduzimos: os regimes de atenção e de conhecimento que projetamos sobre ele. A instalação confronta a estética romântica com o rigor científico, aproximando a languidez contemplativa do gesto analítico. Nesse cruzamento, a artista promove um gesto “steiniano”, demonstrando que toda a leitura da natureza é também um sintoma da mundivisão que a produz.

Curiosamente, no mesmo ensaio, Stein observa que os artistas contemporâneos raramente são reconhecidos pelos seus pares. Argumenta que cada época precisa do distanciamento do passado — o chamado “teste do tempo” — para que o seu presente se torne visível. A invisibilidade do contemporâneo é, para Stein, uma condição estrutural: ninguém reconhece a diferença enquanto ela se está a fazer. A obra de Joana Patrão toca nesse ponto cego. Tal como as gerações de que Stein falava não compreendiam o seu tempo senão retrospectivamente, também a humanidade habita uma temporalidade que escapa à sua própria escala.

A instalação de Joana Patrão expõe a condição do Antropoceno: um tempo imerso em processos que só se tornam legíveis quando já são irreversíveis. A Pteridomania levou à extinção de inúmeras espécies de fetos e revelou, de forma prematura, a pulsão extrativa e possessiva que hoje define a relação humana com o mundo natural. **Fósseis vivos** constitui-se como representação poética e advertência implícita da eminência da exaustão ecológica.

Vera Carmo, Outubro de 2025

1 — Gertrude Y. Stein, *Selected Writings of Gertrude Stein*, ed. Carl Van Vechten (New York, NY: Random House, 1962), 513.



1 — Fósseis vivos: jardim interior, 2025  
Fotografias e textos impressos sobre vidro

2 — Fósseis vivos: fetos marginais, 2025  
inscrição a carvão sobre janelas entaipadas  
(4 elementos)

PISO 0

**TheSpaceInYourHead** | Program October 2024 — November 2025 | TheSpaceInYourHead will explore the physical and spatial characteristics of DÍNAMO which, at this moment, benefits from the circumstance of maintaining an area still in the construction phase and, therefore, open to multiple and untimely possibilities of artistic intervention that will be aimed at *in situ practice* — fostering the dialogue of the works with a singular space but also with the history of that place, the architecture, the landscape, the people.

Programação — Eduarda Neves | + info: [https://esap.pt/en/dinamo\\_galeria/galeria-home-dinamo/](https://esap.pt/en/dinamo_galeria/galeria-home-dinamo/)

Monday – Friday  
11AM – 7PM

10.10.25 – 10.11.25

ENTIDADES PARCEIRAS

**esap**

Escola Superior  
Artística do Porto

**DÍNAMO**  
G A L E R I A

Centro de Estudos Arnaldo Araújo

COM O APOIO

**Porto.**